

As maiores organizações sindicais em Portugal: um quarto século de evolução

Alan Stoleroff e Reinhard Naumann

Este trabalho é sobre o padrão organizacional do sindicalismo português, nomeadamente a evolução da distribuição organizacional da sindicalização.

O problema situa-se na distribuição radicalmente diferenciada da sindicalização numa estrutura sindical caracterizada pela sua fragmentação numa quantidade considerável de organizações. Em 1974 houve um total de 308 sindicatos em Portugal. O número aumentou até 375 em 1979, regressando a 352 em 1984, ainda significativamente mais que em 1974. Em seguida houve aumento anual constante até que se chegou ao recorde de 407 sindicatos em 1992.¹ Segundo o *Instituto Nacional de Estatística* em 1998 permaneceram 346 mas, num documento recente, a CGTP constatou a existência de apenas 332 sindicatos e fez a estimativa que realmente menos de 300 destes eram operacionais.² Esta estrutura sindical com tantas organizações é uma estrutura muito estratificada e segmentada por dimensão organizacional, em que relativamente poucos sindicatos contribuem para uma parte desproporcional da sindicalização total e muitos sindicatos contam por uma parte relativamente insignificante da sindicalização total.

O objecto deste trabalho é uma análise da sindicalização no estrato das maiores organizações sindicais. A identificação dos maiores sindicatos é necessário para caracterizar o padrão de relações industriais do país. Trata-se das organizações em que se concentra a porção mais substancial da sindicalização e por isso são geralmente as organizações que possuem mais recursos e mais influência dentro do movimento sindical. (Evidentemente, os pequenos sindicatos de trabalhadores estrategicamente situados, como os pilotos aéreos da SPAC, constituem uma excepção a esta generalização.)

Considerando que a sindicalização seja uma forma de associação dinâmica, cujos fluxos são dependentes de diversas variáveis do contexto das relações laborais (nomeadamente no mercado de trabalho), é útil proceder a uma análise temporal, ou seja, da **evolução** da distribuição da sindicalização. A análise destes fluxos deve ser reveladora das mudanças relativas à concentração sectorial da sindicalização. A nossa análise abrange todo o período democrático. Devido às mudanças importantes nos contextos económicos e sociais e políticas das relações industriais em Portugal nesse quarto século, houve mudanças correspondentes em termos da dimensão das maiores organizações nos diferentes sectores e mudanças nas posições relativas dos sindicatos dentro da hierarquia dimensional. Mas existem factores de ordem interna às organizações sindicais bem como factores contextuais que determinam o padrão organizacional da sindicalização. Algumas destas mudanças reflectem os esforços estratégicos do movimento sindical em concentrar a sindicalização em organizações mais eficazes; algumas mudanças reflectem a falha do movimento em fundir organizações com perdas na sindicalização. Os fluxos de dimensão organizacional fundamentam decisões estratégicas e políticas derivadas da luta das organizações pela sua sobrevivência e influência.

¹ Dados do *Instituto Nacional de Estatística*, continente mais regiões autónomas.

² Uma parte substancial desta redução deve-se a um processo de reestruturação organizacional em curso. Esta reestruturação resulta tanto do declínio e subsequente extinção de sindicatos como de esforços racionalizadores com base em fusões e integrações. A CGTP em particular estabeleceu objectivos ambiciosos neste sentido a partir de 1995, já obtendo resultados em vários sectores.

A evolução da distribuição organizacional da sindicalização repercute-se na ordem sindical ao nível do movimento em geral e, concreta e directamente, dentro das associações de cúpula (confederações). Trata-se por isso também de estabelecer o fundamento para uma análise da relação entre sindicatos dentro do movimento sindical, ou seja, a presença e influência políticas inter-sindicais e a hierarquia sindical determinada pela dimensão organizacional.

Metodologia e fontes

Para determinar a dimensão das organizações sindicais limitamo-nos a indicadores relativos à sindicalização. Por sindicalização entendemos o número de sócios de um sindicato com plenos direitos. Isto significa geralmente, senão sempre, os sindicalizados com a sua quotização em dia.³

A identificação das maiores organizações sindicais deriva-se de uma base de dados em construção sobre a sindicalização portuguesa. A base de dados foi construída a partir:

- do registo do número de sócios inscritos nos cadernos eleitorais dos sindicatos constando dos ficheiros (activos e arquivados) existentes no Ministério do Trabalho na altura de eleições quer para os seus corpos gerentes, quer para alterações estatutárias;
- uma consulta sistemática dos dados fornecidos em várias formas de documentação publicadas ou obtidas das organizações singulares ou as confederações sindicais;
- consulta directa aos responsáveis das organizações singulares ou as confederações sindicais.⁴

Devido à periodicidade das eleições sindicais foi necessário contabilizar a sindicalização geralmente durante triénios ou quadriénios. Dessa forma foi possível obter um número fiável para quase todos os sindicatos. Consideramos os sindicatos que em qualquer altura dos três períodos tenham tido uma sindicalização equivalente ou superior a 15.000 sócios.

A seguir apresentamos dois tipos de análise dos dados ao nosso dispor. Em primeiro lugar apresentamos quadros e análise dos maiores sindicatos em três fases distintos do período considerado. Em segundo lugar apresentamos uma análise sectorial para demonstrar o peso das maiores estruturas e um quadro com uma ordenação dos sindicatos existentes nalguns sectores, nomeadamente o sector financeiro, o industrial e serviços públicos e privados e a sua análise.

Para efeitos deste trabalho determinamos três períodos que podem servir como momentos para análise da evolução do sindicalismo português: de meados até fins dos anos 1970, de meados até fins dos anos 1980, de meados até fins dos anos 1990. O primeiro período consiste do fim do PREC e da consolidação das organizações sindicais. O segundo período consiste da saída da crise económico de 1983-86 e a entrada na fase cavaquista e europeia. O último período, a mais próxima do presente, consiste da emergência do sindicalismo de uma fase defensiva contra as privatizações, as reestruturações, a gestão de recursos humanos e o surto de

³ Para explicação desta definição veja-se Stoleroff e Naumann (1994; 1998).

⁴ Para o acesso aos arquivos do Ministério do Trabalho agradecemos o apoio do Sec. do Estado Ribeiro Mendes que autorizou a nossa pesquisa. Para as outras actividades entre 1990-1995 tivemos o apoio da Fundação VolksWagen para o projecto "O Padrão Emergente das Relações Industriais em Portugal".

desemprego de 1992-93. É finalmente um período em que a integração europeia e mundial da economia portuguesa avançou significativamente.

Os maiores sindicatos portugueses

Sindicatos com	fim dos anos 1970	fim dos anos 1980	fim dos anos 1990
40.000 ou mais sócios	STIMMDL	STFPSPA	SBSI
	SITese	SBSI	STAL
	CESL		
	STFPSPA		
entre 30.000 e 40.000 sócios	SBSI	STAL	STFPSPA
	STIMMDSset	SITese	
	STTexDPoAv		
entre 25.000 e 30.000 sócios	STAL	STIMMDPo	
	STAgrDÉv		
	STHTRSSul		
entre 20.000 e 25.000 sócios	STIMMDPo	STIMMDL	STIMMDL
	STIQCI	CESL	SPGL
		STIMMSul	
entre 15.000 e 20.000 sócios	SNTCT	SPGL	SBN
	SIESI	STICerCimSimDCoi	SITese
	STIMMDAvGuaVi	STTexDPoAv	SOICMADAC
	STICarnDSetSan	SBN	STTexDPoAv
	STRDL	SIESI	STFPN
	STCMMDL		CESP

Chave:

- STIMMDL** Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Distrito de Lisboa
SITese Sindicato dos Trabalhadores de Escritório, Comércio e Serviços
CESL Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Distrito de Lisboa
STFPSPA Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul e Açores
SBSI Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas
STIMMDSset Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Distrito de Setúbal
STTexDPoAv Sindicato dos Trabalhadores Têxteis dos Distritos do Porto e Aveiro
STAL Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local
STAgrDÉv Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura do Distrito de Évora
STHTRSSul Sindicato dos Trabalhadores da Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul
STIMMDPo Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgica e Metalomecânica do Distrito de Porto
STIQCI Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro e Ilhas
SNTCT Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações
SIESI Sindicato das Indústrias Eléctricas de Sul e Ilhas
STIMMDAvGuaVi Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas dos Distritos de Aveiro, Viseu e Guarda
STICarnDSetSan Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Carnes do Distrito de Setúbal e Santarém
STRDL Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa
STCMMDL Sindicato dos Trabalhadores da Construção, Mármore e Madeiras do Distrito de Lisboa
STIMMSul Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul
SPGL Sindicato dos Professores da Grande Lisboa
STICerCimSimDCoi Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica, Cimento e Similares do Distrito de Coimbra
STTexDPoAv Sindicato dos Trabalhadores Têxteis dos Distritos do Porto e Aveiro
SBN Sindicato dos Bancários do Norte
SOICMADAC Sindicato dos Operários da Indústria de Calçado, Malas e Afins dos Distritos de Aveiro e Coimbra
STFPN Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Norte
CESP Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços de Portugal

Nos primeiros anos depois da revolução quatro sindicatos tiveram uma dimensão que podemos chamar de muito grande, cada um com quase 60.000 sócios ou mais: o Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa, o Sindicato dos Trabalhadores de Escritório, o Sindicato dos Trabalhadores de Comércio de Lisboa e o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Ilhas. Na verdade estes quatro sindicatos chegaram a uma dimensão "recorde" nessa altura, uma dimensão a qual nenhum sindicato sozinho conseguiria obter novamente. Considerando as dinâmicas da democracia portuguesa, isto explica-se pelos factores de mobilização da fase em questão.

A dimensão do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa era sintomático da importância geral que os sindicatos de metalúrgicos obtiveram nesse período. O Sindicato de Setúbal e o de Porto tinham seguramente mais de 20.000 sócios e o de Aveiro chegou a ter essa dimensão durante alguns anos. Outros sindicatos do sector industrial também figuraram no grupo de sindicatos de bastante grande dimensão: nomeadamente o Sindicato dos Trabalhadores do Têxteis dos Distritos de Porto e Aveiro, Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro e Ilhas, e o Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas. No entanto, além do relativamente grande sindicato do sector alentejano de agricultura, o panorama sindical já indicava a importância de sindicatos dos serviços ou do sector público: trabalhadores de escritório, trabalhadores do comércio, trabalhadores da função pública e da administração local e bancários eram as categorias cujos sindicatos predominavam e já partilhavam o espaço na cúpula da hierarquia sindical.

Este padrão caracterizado pela predominância da sindicalização nos sindicatos da indústria foi contudo efémero. A partir de meados dos anos 1980 o padrão já foi modificado significativamente pelo declínio da sindicalização nos sindicatos da indústria e a tendência de aumento da sindicalização nas maiores organizações dos empregados públicos e dos serviços.

Há mudanças nítidas que aparecem na evolução da hierarquia sindical entre o período anterior e meados dos anos 1980. Em primeiro lugar os maiores sindicatos já não chegam a 50.000 sócios. Os maiores têm entre 40.000 e 48.000 sócios. Este conjunto é composto apenas por um sindicato da função pública e um de bancários, ambos do sul, que são sindicatos cuja sindicalização estava num aumento consistente. Não está alheia a este desenvolvimento a estabilidade de emprego nos sectores destes dois sindicatos ao longo do período da crise dos anos 1980. Ainda havendo sindicatos bastante grandes (nomeadamente metalúrgicos), os sindicatos industriais já não se incluem entre os maiores. Foi neste período que os sectores industriais sofreram uma grande atrição de segurança no emprego devido aos salários em atraso e à crise em geral, da qual a sindicalização não recuperou. O Sindicato dos Têxteis de Porto e Aveiro sofreu uma descida substantiva. Regista-se também a subida consistente da sindicalização na administração local. Embora não tão grande como no do sul, a sindicalização de bancários no norte também regista um crescimento suficiente para se encontrar na categoria dos grandes sindicatos. Há uma nítida descida de sócios do sindicato horizontal dos empregados de escritório, e no sindicato de comércio escritórios de Lisboa, embora ainda se contaram entre os grandes sindicatos. Os maiores sindicatos industriais passam a ser os dos metalúrgicos de Lisboa e do Porto que continuam a ser grandes sindicatos com entre 25.000 e 30.000 sócios. Os metalúrgicos do Sul perderam peso (menos de 25.000 sócios). O sindicato de têxteis do Norte também desceu para menos de 20.000 sócios. A mesma tendência levou o Sindicato dos Trabalhadores da Hotelaria do Sul para fora da categoria dos maiores sindicatos.

Dois sindicatos - Bancários Sul e STAL - mantiveram ao longo das duas décadas um dinamismo e capacidade de crescer - ficando de longe os maiores sindicatos em Portugal no fim dos anos 90, numa classe própria. Ambos o SBSI e o

STAL aumentaram o número de sócios por aproximadamente 15.000 neste período. A um nível abaixo permanece o Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul, mas este sindicato veio a perder aproximadamente 10.000 sócios ao longo do mesmo período.⁵ Continuando em 4º lugar, mas a uma dimensão extremamente reduzida relativamente aos anos 70, encontra-se o maior sindicato industrial - os Metalúrgicos de Lisboa. Com as exceções do Sindicato do Calçado e Malas de Coimbra e Aveiro e dos Têxteis de Porto e Aveiro (que está apenas ao limiar desta categoria no fim dos anos 1990) já não se encontra um outro sindicato industrial com mais de 15.000 sócios. Os Metalúrgicos do Norte perderam aproximadamente 20.000 sócios desde os anos 80. Claramente entre os maiores sindicatos no início do período os principais sindicatos dos metalúrgicos sofreram perdas inigualáveis no universo sindical. O SPGL chegou ao mesmo nível de dimensão que o Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa. Os outros sindicatos com entre 15.000 e 20.000 sócios são do terciário: o Sindicato dos Bancários do Norte e o Sindicato da Função Pública do Norte. Finalmente continuam a aparecer o sindicato horizontal de trabalhadores de escritórios, SITESE, e um sindicato de trabalhadores de comércio. São dois sindicatos que registaram muitas mudanças, nomeadamente as grandes mudanças no comércio português com a descida do comércio tradicional e a subida das grandes superfícies (hipermercados em particular). O sindicato de trabalhadores do comércio que aparece na lista, CESP, é uma fusão recente criando um único sindicato nacional na CGTP para o sector.⁶

A análise sectorial

Agora apresentamos uma análise da relação entre sindicatos de um sector específico, nomeadamente o sector financeiro. Para esta análise tomamos em conta apenas os sindicatos verticais do sector.⁷

Como se vê do quadro em abaixo sobre o sector financeiro, a sua sindicalização neste conjunto de sindicatos aumentou significativamente e consistentemente ao longo do período em análise - de 68.173 sindicalizados em 1978-80 a 81.126 sindicalizados em 1987-89 e a 87.329 sindicalizados em 93-95. No entanto, a sindicalização de um sindicato em particular, o SBSI, predomina e, a partir dos anos 1980, este sindicato tornou-se num dos dois maiores sindicatos no conjunto sindical português. Contudo, é notável a consistente subida da sindicalização em todos os três sindicatos dos bancários. Ambos os dois outros sindicatos bancários têm quase o dobro de sócios no fim do período em estudo como no seu início. Esta tendência contrasta com o fluxo da sindicalização nos sindicatos dos trabalhadores dos seguros. A sindicalização nos seguros aumentou até os meados dos anos 1980, sofrendo uma descida lénte mas consistente desde então. Estes dois últimos sindicatos acabaram o período em estudo com quase o mesmo número de sócios como no início. Voltaremos a referir a este sector nas conclusões deste trabalho.

⁵ Enquanto a subida nos dois primeiros corresponde a uma expansão do emprego, a descida da sindicalização neste último sindicato pode ser um artefacto também de uma rectificação dos registos dos sócios.

⁶ É interessante comparar a posição do CESL nos anos 1980 com o CESP no fim dos anos 1990. Este primeiro era sozinho um sindicato com mais de 20.000 sócios enquanto o número de inscritos nos cadernos eleitorais de todos os sindicatos do comércio e dos serviços da CGTP cuja fusão levou à criação do CESP em 1998 (dos distritos de Leiria, Coimbra, Santarém, Castelo Branco, Guarda, Viseu, do Sul e Lisboa) totalizou aproximadamente 20.000.

⁷ Fica fora da análise O Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários, sindicato constituído em 1983 com algo mais de 300 sócios inscritos e que ao longo dos anos oitenta chegou a ser um sindicato horizontal de dimensão significativa. Em 1994 tinha mais de 1600 sócios inscritos.

Sindicatos Verticais do Sector Financeiro	96-98	93-95	90-92	87-89	84-86	81-83	78-80	75-77
SBSI	49653	48261	45359	42520	40953	40712	34700	30023
SBN	18889	19046	17781	17081	16678	15479	13033	10410
SBC	6030	5641	5707	5042	4839	4089	3350	
STSSRA		10345		11922	14243	13999	13040	10665
STSN	3626	4036	4442	4561	4482	4453	4050	3466
Total		87329		81126			68173	

Chave:

SBSI Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas

SBN Sindicato dos Bancários do Norte

SBC Sindicato dos Bancários do Centro

STSSRA Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Sul e Ilhas

STSN Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Norte

Para finalizar este trabalho fazemos um exercício analisando dimensão do ponto de vista sectorial em vez do ponto de vista organizacional. No quadro em baixo comparamos a evolução dos cinco sindicatos verticais do sector financeiro com oito sindicatos da Plataforma Comum da Função Pública⁸ com o conjunto dos principais sindicatos do sector metalúrgico da CGTP⁹. Estes são os sectores de onde advêm as maiores organizações sindicais. Deste ponto de vista poderemos fazer uma análise da sindicalização tratando o conjunto de sindicatos de cada um destes sectores como se fossem uma entidade. Este tipo de análise, embora ultrapasse as definições formais destas organizações sindicais, obedece a algumas realidades práticas. No sector financeiro a divisão do conjunto de sindicatos bancários é apenas regional; os seguros e a banca são ramos interligados. Os sindicatos seleccionados da função pública actuam em coligação nas negociações com o governo. Os sindicatos dos metalúrgicos da CGTP são unidos numa federação de metalúrgicos que os representa na contratação colectiva.

Sector	96-98	93-95	90-92	87-89	84-86	81-83	78-80
Financeiro (5 Sind.)	87755	87329	84423	81126	81195	78732	68173
Função Pública (8 Sind.)	169308	157480	151385	140742	137268	127188	101944
Metalúrgica (4 Sind.)	44883	46327	53295	79090	65144	74628	135198

Em finais dos anos 1970 o sindicatos metalúrgicos no seu conjunto representavam o maior bloco de sindicalização, imprimindo uma forte influência operária sobre o movimento sindical português. Verifica-se contudo uma rápida modificação do equilíbrio interno ao movimento sindical. Já no início dos anos 1980 o conjunto de sindicatos da função pública ultrapassou os metalúrgicos com um aumento significativo da sindicalização. A sindicalização na função pública continuou a subir progressivamente até os fins dos anos 1990, ganhando mais de 65.000 sócios no período. No início dos anos 1980 a sindicalização no conjunto metalúrgico diminuiu aproximadamente 40%. As causas desta descida precoce na sindicalização do sector metalúrgico associam-se possivelmente à emergência do pluralismo sindical e também a um registo mais correcto dos sócios inscritos nos cadernos eleitorais; porém o sector metalúrgico sofreu particularmente da crise dos anos 1980 e das reestruturações subseqüentes. De todo a maneira em fins dos anos 1990 a sindicalização metalúrgica representa - em correspondência com a retrocessão e

⁸ STAL, STFPSPA, STFPN, STFPZC, SPGL, SPN, SPRC, SEP.

⁹ STIMMDL, STIMMNo, STIMMSul, STIMMDAvGuaVi.

reestruturação essencial do sector - apenas um terço de que representava em fins dos anos 1970. A sindicalização no conjunto de sindicatos do sector financeiro, apesar da aparência de um sindicato de categoria (de técnicos e quadros) tem uma subida consistente que deve acompanhar o aumento global de emprego no sector.

Conclusão

Houve sem dúvida uma mudança qualitativa no padrão da sindicalização portuguesa ao longo das últimas duas décadas.

No fim dos anos 1970 houve 18 sindicatos com 15.000 sócios ou mais. No fim dos anos 80 houve 13 sindicatos com 15.000 sócios ou mais. No fim dos anos 90 houve menos de 10 sindicatos com essa dimensão.¹⁰

Em fins de 1970 houve mais ou menos 530.000 sindicalizados nas organizações sindicais com mais de 15.000 sócios. Em finais de 1990 os sindicatos com mais de 15.000 sócios contaram para aproximadamente 250.000 sindicalizados.

Em meados-fins dos anos 1970 existia um sindicato que sozinho tinha (reclamava) mais de 65.000 membros, o Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa. O segundo sindicato por dimensão era o sindicato horizontal SITESE dos empregados de escritório. O SITESE inicialmente rivalizava o Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa embora já se registou uma descida nessa altura do fim dos anos 1970 para algo mais de 46.000. O Sindicato do Comércio de Lisboa atingiu quase 60.000 sócios em meados de 1970, embora descendo a aproximadamente 32.000 em fins dos 1970.

Nos finais dos anos 90, as maiores organizações sindicais portuguesas não atingem a dimensão de 50.000 membros. A reduzida dimensão dos maiores sindicatos deve-se ainda:

1. à manutenção de uma estrutura regionalmente dividida dos sindicatos do sector bancário e a autonomia dos vários sindicatos do sector financeiro. No fim dos anos 1990 o conjunto de cinco sindicatos verticais do sector financeiro possuiu quase 88.000 sócios. Embora não se pode menosprezar os recursos de um sindicato de quase 50.000 membros, é evidente que um único sindicato vertical do sector financeiro com mais 38.000 membros proporcionará recursos significativamente superior.¹¹
2. a manutenção de uma estrutura regionalmente dividida dos sindicatos da função pública e a autonomização entre os empregados do estado do sindicato dos trabalhadores da administração local (STAL), bem como da estrutura regionalmente dividido dos sindicatos de professores. Os três sindicatos da função pública (Sul, Centro, Norte) em conjunto possuem quase 62.000 membros. Mesmo sem contar com os sindicatos do sector da UGT, um sindicato que integrasse os trabalhadores da administração local com a função pública teria mais de 100.000 membros (mesmo sem os professores).
3. o declínio da sindicalização no sector industrial, nomeadamente na metalurgia e metalomecânica. A sindicalização no Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa desceu de mais de 65.000 sócios em meados-fins

¹⁰ O Sindicato dos Têxteis estava apenas ao limiar da categoria, portanto realmente estamos a falar de 9 sindicatos.

¹¹ Nos fins dos anos 1990 a maior organização sindical portuguesa, o SBSI, atinge entre 5-8% da sindicalização total portuguesa. Os três maiores sindicatos chegam a 16-20% da sindicalização total.

dos anos 1970 a 20.000 em meados-fins dos anos 1990. O Sindicato de Setúbal/Sul¹² desceu de 30.000 a 6.000 no mesmo período.

Esta conclusão, entre outras coisas, salienta a estrutura não-unificada da organização sindical sectorial em Portugal. Além dos maiores sindicatos em qualquer dos períodos analisados, existiam ou existem ainda mais 300 sindicatos pelo menos. Evidentemente com fusões organizacionais nos sectores analisados haveria um aumento na dimensão dos maiores sindicatos. Possivelmente, fusões em outros sectores poderiam produzir o mesmo efeito de concentração, aumentando o número de sindicatos com dimensão superior. O movimento sindical teria eventualmente de equacionar os benefícios da concentração em termos de economias de escala organizacionais e em termos do seu efeito na contratação colectiva. No entanto, os dados analisados demonstram que mesmo com fusões o padrão da concentração sindical sectorial não seria modificada. Os sindicatos dos serviços e dos empregados públicos teriam sempre uma dimensão superior. Uma questão relevante contudo seria se um sindicato unificado e maior no sector metalúrgico poderia lidar melhor com a descida da sindicalização e com a eventual descida de influência dos sindicatos da indústria no movimento sindical. Enfim, em termos comparativos, por enquanto o sindicalismo português parece alinhar numa tendência para um aumento provavelmente irreversível da influência de sindicatos de serviços e de empregados públicos.

Referências

A. Stoleroff e R. Naumann (1994), "A Sindicalização em Portugal: A Sua Medida e a Sua Distribuição", Sociologia: Problemas e Práticas, Nº 14, (Setembro).

A. Stoleroff e R. Naumann (1998), "Contabilidades: Alguns comentários necessários acerca da publicação 'A Evolução da Sindicalização Portuguesa de 1974 a 1995' de Maria da Conceição Cerdeira", Sociologia: Problemas e Práticas, Nº 27 (Setembro).

¹² Em 1981 os sindicatos metalúrgicos dos distritos ao sul do Tejo fundiram-se no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul. Mesmo assim a descida de sócios foi aguda.